

O PROCESSO HISTÓRICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

CARRARO, Eloyse Alves¹
DEL MOURO, Karianny Aparecida Gerotto²
eloysecarraro@hotmail.com

RESUMO

O trabalho apresenta a organização e o desenvolvimento da pesquisa referente ao processo histórico da Língua Brasileira de Sinais “Libras”. Por meio deste texto tende-se alcançar o objetivo de apresentar como a luta pela igualdade social interferiu na História da Libras. Relatou-se os acontecimentos no Brasil, o que igualou e diferenciou o surdo do resto do mundo, mesmo o país passando por diversos períodos de evolução, os direitos da sociedade surda não evoluiu. E faz apenas quinze anos que o surdo tem o apoio de um profissional (intérprete) que o auxilia a entender seu papel no mundo. Durante o processo histórico do sujeito surdo estudado neste trabalho, encontram-se alguns percalços na comunicação e no desenvolvimento social, cultural e intelectual, no qual os mesmos estão sendo sanados. Por outro lado, entendem-se esses desacertos e contratemplos como parte do processo de formação humana, pois são situações que contribuíram para o aprendizado. Neste mesmo sentido, houve momentos em que foi preciso estudar e buscar aperfeiçoamento para discutir determinados temas. A hipótese levantada para o estudo mostrou como o desenvolvimento sociocultural teve influência direta na questão de aquisição linguística do sujeito surdo.

Palavras-chave: Libras. História. Surdo.

¹ Acadêmico (a) Faculdade Sul Brasil – FASUL

² Docente Faculdade Sul Brasil – FASUL - ORIENTADORA

INTRODUÇÃO

O texto inicia-se com o relato geral sobre história e cultura. São dois aspectos muito importantes que serão comentados do início ao fim deste trabalho. Logo depois, é apresentada uma visão geral da educação do sujeito surdo em diferentes tempos históricos, desde o primeiro relato até os dias atuais.

Na Idade Média, as pessoas com deficiência auditiva ou surdez passam por uma luta pela igualdade social. Porém, a solução para a comunicação dessas pessoas, surgiu bem mais tarde. Os registros de vários pesquisadores nos quais estão preocupados em apresentar a história do sujeito surdo numa visão restrita que focaliza os esforços em moldar as pessoas surdas de acordo com os padrões ouvintes oferecendo a cura para a surdez ou deficiência auditiva.

Em um embasamento teórico, busca-se expor a Educação dos surdos em diferentes países. Cada país teve um fundador na educação do sujeito surdo, onde cada fundador tinha uma visão. Em vários países, os surdos foram proibidos de usar a Língua de Sinais, pois deveriam ser oralizados.

Para concluir a ideia do trabalho, teve-se como foco a Educação no Brasil, um dos últimos países a aderirem Língua de Sinais. Apresentam-se as dificuldades encontradas pelos surdos na sua comunicação com a sociedade.

1 O PROCESSO HISTÓRICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Apresentar a história da Libras não serve apenas para adquirir conhecimentos, mas para refletir e questionar diversos episódios relacionados com a educação em vários momentos.

Antes de começar a falar da Língua de Sinais, precisa-se fazer um apanhado geral sobre o significado da palavra História. De acordo com Ferreira, (2010, p. 400 – 401), a palavra História aparece como “conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade e sua evolução, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido”, complementa afirmando que é uma “ciência que estuda eventos passados com referência a um povo, país, período ou indivíduo específico”.

Ferreira (2010, p. 102), aborda o conceito de cultura sendo “[...] conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e

transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social [...]", desta forma entendem-se que a história é a junção das culturas passadas, com a exposição de fatos. Apresentando como era a vida dos povos que viveram antigamente. Para que possamos ter acesso a esses fatos, eles precisam estar registrados. E quem faz esses registros são os historiadores, que pesquisam vestígios, documentos e registros antigos.

As pessoas do passado, não tinham a finalidade de deixar documentos para contribuir com a história. É a função de cada historiador pesquisar e juntar os fatos encontrados, deste modo, cada historiador descreve da sua forma o que encontrou. Por isso, acontece de ter vários relatos diferentes sobre o mesmo assunto.

Machado (s/d, p.1), afirma que "a maioria das fontes históricas localizam-se em bibliotecas, igrejas, museus e universidades". E , é preciso lembrar que hoje em dia a internet traz um grande acervo de fontes históricas, facilitando o acesso ao público. Pesquisar a história é procurar informações passadas que explicam os acontecimentos do cotidiano das pessoas.

1.1 Educação de Surdos nos Diferentes Períodos Históricos

Antes de começar a discutir sobre a educação dos surdos, vale deixar claro sobre o conceito de povo surdo e comunidade surda. De acordo com Strobel (2009, p. 6), "o povo surdo é grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão".

Já a comunidade surda Strobel (2009, p. 6), afirma que "na verdade não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização que podem ser as associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros". Nakagawa (2012, p. 3), defende que o termo comunidade surda está crescendo cada vez mais.

Nesse cenário desenhado sobre novos postulados Surdos, milhares de produções culturais (espalhadas entre o teatro, a literatura, as artes plásticas, o cinema, a dança, a música, entre outros vários segmentos) são partilhadas entre inúmeras comunidades surdas. A cada dia, novos aparelhos culturais surgem, novas organizações e movimentos se

consolidam, novas obras são produzidas, novos símbolos e significados são difundidos. [destaque do autor].

É interessante ressaltar a diferença entre surdo e deficiente auditivo. Nakagawa (2012, p. 6), relata a diferença desses dois termos muito usados no nosso meio social.

“Surdo”, em distinção à “deficiente auditivo” (aquele que não reconhece as práticas culturais surdas e que, tampouco, expressa uma identidade Surda), é palavra usada e preferida pelos próprios sujeitos Surdos e, ao contrário do que alguns acreditam, não soa depreciativa, tampouco ofensiva. Com uma intencionalidade teórica, estética e política clara, repetir-se-á, à exaustão, o termo, sem o receio de transparecer uma inabilidade com o manejo da língua. [destaque do autor].

A história da Língua Brasileira de Sinais (Libras) inicia-se há muitos anos. Para os historiadores quando se fala em história, deve-se apresentar suas marcas. De acordo com Strobel (2009, p. 12), a história dos surdos pode ser dividida em três grandes fases:

Revelação cultural: Nesta fase, os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita. Isolamento cultural: ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880, que proíbe o acesso da língua de sinais na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral. O despertar cultural: a partir dos anos 60 inicia uma nova fase para o renascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos.

Percebemos que desde o início, a trajetória do povo surdo não foi facilitada, e até hoje, não é muito diferente, apesar da comunicação estar mais ampla. Nakagawa (2012, p. 3), faz um breve relato sobre as conquistas dos surdos até o momento.

Hoje, uma série de novas bandeiras são defendidas e conquistadas pelas comunidades surdas. Do tadinho ao sujeito de direitos, da diversidade à diferença (“diferença” em sua acepção radical, e não como mera continuidade discursiva da deficiência), das exigências da fala ao reconhecimento das línguas de sinais, da reabilitação à valorização de uma identidade cultural própria, da inculcação de padrões ouvintes à valorização do “ser Surdo”... uma série de rupturas realçaram-se nas últimas décadas. [destaque do autor].

Quando se fala em História, não pode deixar de se falar do seu início. A história do sujeito surdo vem desde a idade antiga. Antes de Cristo, o Filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.) dizia que “de todas as sensações, é a audição que contribui mais para a inteligência e o conhecimento, [...] portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”. Ou seja, se uma pessoa não é capaz de escutar, ela não era capaz de pensar e era considerado um sujeito incapaz de viver em sociedade. (STROBEL, 2009, p. 18-19).

Na Bíblia, os relatos sobre surdos aparecem um pouco depois, em Marcos 7, 31 – 37.

³¹A seguir Jesus saiu dos arredores de Tiro e atravessou Sidom, até o mar da Galileia e a região de Decápolis. ³²Ali algumas pessoas lhe trouxeram um homem que era surdo e mal podia falar, suplicando que lhe impusesse as mãos. ³³Depois de levá-lo à parte, longe da multidão, Jesus colocou os dedos nos ouvidos dele. Em seguida, cuspiu e tocou na língua do homem. ³⁴Então voltou os olhos para o céu e, com um profundo suspiro, disse-lhe: ‘Efatál’, que significa ‘abra-sel!’. ³⁵Com isso, os ouvidos do homem se abriram, sua língua ficou livre e ele começou a falar corretamente. ³⁶Jesus ordenou-lhes que não o contassem a ninguém. Contudo, quanto mais ele os proibia, mais eles falavam. ³⁷O povo ficava simplesmente maravilhado e dizia: ‘Ele faz tudo muito bem. Faz até o surdo ouvir e o mudo falar’. [destaque do autor].

De acordo com Strobel (2009), acreditavam-se que a família que tinha um indivíduo surdo, era castigada por um membro do passado ter cometido um pecado grave. Essas famílias aprisionavam o surdo dentro de casa, sem mostrar e apresentar a ninguém por motivo de vergonha. Caso alguém descobrisse, a porta da casa da família era pintada de vermelho, para sinalizar que ali vive/viveu um pecador.

Em Roma, os surdos eram considerados pessoas castigadas ou enfeitiçadas. Para eliminá-las eram jogadas no rio Tíber.

Quanto as diferentes formas de sociabilidades no cotidiano de surdos na Antiguidade, ainda pouco é sabido para além de descrições breves. Na Roma Antiga, a primazia da língua oral no dia-a-dia da vida pública (nos espaços de participação política, nos comícios e festejos, nas transações de vários tipos, etc.), bem como a importância da oratória na formação de um cidadão, levam a crer que à grande parte dos surdos restava um pequeníssimo espaço de atuação. (NAKAGAWA, 2012, p. 9). [destaque do autor].

Na Grécia, os surdos eram vistos como inválidos e causavam incômodo para a sociedade, eram lançados ao topo de rochedos de Taygéte, nas águas de Barathere.

No Egito e Pérsia, a história mudou um pouco, os surdos eram considerados pessoas adoradas, pois acreditavam que eles falavam em silêncio com os Deuses. Havia muito respeito, e eles eram protegidos, mas ainda não sabiam como educá-los. (STROBEL, 2009).

2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS PELO MUNDO

A história da surdez é uma história complexa, não existem muitos relatos eficazes que possam auxiliar neste processo. “A escassez de registos históricos, o distanciamento das fontes primárias e as poucas investigações sobre o assunto não raro, levam a afirmações imprecisas e pouco consistentes sobre a surdez na Idade Antiga”. (NAKAGAWA, 2012, p. 8).

Muitos surdos usavam a Língua de Sinais de forma clandestina, pois, esses eram alvo de preconceito, sendo que deveriam ser oralizados dentro da própria família. A repreensão pelo uso da Língua de Sinais era muito grande. Isso fez com que na comunidade ocorresse uma má formação em sua lideranças.

No decorrer da História, os surdos eram privados do convívio social. Muitas vezes utilizam a língua natural do homem, sinais ou expressão para se comunicar. Podemos dizer que o surdo é o único deficiente que possui uma cultura diferente na sociedade.

Strobel (2009), faz um apanhado geral da educação de surdos. Ela cita diversos nomes importantes para o conhecimento da história da educação de surdos. Para começar, não poderia faltar o filósofo Grego Aristóteles (384 – 322 a.C), ele já tinha uma visão do povo surdo, os considerava incompetentes, incapazes, sem pensamento. Acreditava que a linguagem é que dava a forma humana, então, sem a linguagem, não existia um ser humano completo.

As bases aristotélicas que articulam voz, fala, linguagem e pensamento fundaram, no mundo ocidental, compreensões sobre o sujeito surdo que, ainda hoje, não só ecoam no senso comum, como sustentam uma série de medidas (políticas, pedagógicas, culturais, médicas, etc.) em relação a esse grupo. Os silogismos que se criaram a partir dessas premissas deslocaram

o indivíduo surdo para um espaço marginal, em que deveria ser curado, domado, sacrificado, abandonado, cuidado, etc. – frequentemente em uma posição de subjugação, opressão ou tutela do “homem normal”. (NAKAGAWA, 2012, p. 11). [destaque do autor].

Quase mil anos depois, o médico Girolano Cardano começa a defender os surdos, ele afirmava que os Surdos tinham a capacidade de aprender a ler e a escrever, sem precisar utilizar a linguagem. Na Espanha, Pedro Ponce de León, um monge beneditino discordou dos exames médicos, que afirmavam que os surdos tinham problemas cerebrais. Ele iniciou a educação de surdos através da Língua de Sinais e do alfabeto manual. Em suas atividades dentro dos mosteiros, uma delas era o voto de silêncio, Nakagawa (2012, p. 13), afirma que,

Para se garantir a efetivação de tal voto, comunidades monásticas – entre elas algumas beneditinas – desenvolveram sistemas gestuais, formados por sinais simples, para se levar a cabo uma comunicação silenciosa durante os afazeres diários dos monges reclusos. Cumpria-se, assim, a descontaminação da alma e a purificação dos costumes. (...) São poucos os vestígios que indicam a maneira como se davam as trocas comunicativas, em sinais, dentro dos monastérios, e ainda mais raros são os registos que dêem pistas de como (e se) esse índice era usado para a difusão dos sistemas simbólicos entre monges e religiosos de outras prelazias. [destaque do autor].

Strobel (2009), comenta que, em 1613, na Espanha, o pedagogo Juan Pablo Bonet, apresenta para a sociedade o alfabeto manual, o qual ensinava a leitura e a Língua de Sinais. Seu método inovador serviu como modelo para toda a Europa. Ele afirmava que o estímulo da fala deve iniciar cedo.

Alguns anos mais tarde, foi lançado também na Espanha, um dos primeiros livros sobre os surdos “Redução de letras e arte para ensinar a falar com os mudos”³, escrito por Bonet (2002). O livro falava sobre o alfabeto manual de Ponce de León. Na Inglaterra, John Bulwer produz o primeiro trabalho sobre leitura labial, no qual ele defende o uso da fala.

O matemático John Wallis dedica-se ao estudo de gestos naturais usados pelos alunos, para depois passar esses gestos à escrita. Jeorge Dalgarno acredita que quanto mais estímulos a criança surda receber, melhor ela aprenderá. Ele defende o uso dos sinais para o desenvolvimento da fala. (STROBEL, 2009).

³ “Reducción de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos” primeiro livro sobre educação de surdos, escrito por Juan Pablo Bonet, publicado em 1620, em Madri, Espanha.

Na França, Jacob Rodrigues Pereire emprega o alfabeto manual como auxílio do ensino da linguagem. Foi o primeiro professor de surdos que se tem relatos, ele usou a fala e exercícios auditivos, oralizou sua irmã surda.

Um outro membro importante da França foi Charles-Michel de L'Epée. Ele defendia que os gestos é um apropriado meio de comunicação e de desenvolvimento do pensamento. Strobel (2009), citando L'Epée, descreve que ele apreciava a comunidade surda, se apropriou da Língua e fundou uma escola em sua casa, em 1775, com o intuito de auxiliar a comunidade surda, os professores utilizava o “sinal metódico”. Tanto empenho se dá pelo fato que L'Epée conheceu duas irmãs surdas, e ficou curioso pela forma que se comunicavam.

Charles Michel de L'Epée (1712-1789) conheceu duas irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de gestos, iniciou e manteve contato com os surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris, procurando aprender seu meio de comunicação e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais. Procurou instruir os surdos em sua própria casa, com as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada denominado de ‘Sinais métodicos’. L'Epée recebeu muita crítica pelo seu trabalho, principalmente dos educadores oralistas, entre eles, o Samuel Heinicke. (STROBEL, 2009, p. 21 – 22). [destaque do autor].

Abade Charles Michel de L'Epée treinou vários professores para surdos e construiu a primeira escola voltada para eles, porém, dependia muito da ajuda financeira da família e da sociedade. Em 1760, a forma de ensino de L'Epée tornou-se muito conhecida, ele utilizava a datilologia/alfabeto manual e sinais, esses métodos fez tanto sucesso que o Instituto de Surdos e Mudos de Paris (atual Instituto Nacional de Jovens Surdos), começou a utilizar no ensino de seus alunos. Até o ano de sua morte, 1789, ele já havia fundado 21 escolas. (STROBEL, 2009).

Na Inglaterra, a primeira escola para surdos foi fundada por Thomas Braidwood, em 1760. Ele apresentava aos surdos o significados das palavras e sua pronuncia. Já nos Estados Unidos, o fundador da educação do sujeito surdo foi Jean Marc Itard, ele defendia que

o surdo podia ser treinado para ouvir palavras, ele foi o responsável pelo clássico trabalho com Victor, o ‘garoto selvagem’ (o menino que foi encontrado vivendo junto com os lobos na floresta de Aveyron, no sul da França), considerando o comportamento semelhante a um animal por falta de socialização e educação, apesar de não ter obtido sucesso com o ‘selvagem’ na relação à língua francesa, mas influenciou na educação

especial com o seu programa de adaptação do ambiente; afirmava que o ensino de língua de sinais implicava o estímulo de percepção de memória, de atenção e dos sentidos. (STROBEL, 2009, p.23). [destaque do autor].

O reverendo Thomas Hopkins Gallaudet de Hartford, nos Estados Unidos, observava curioso um grupo de meninas brincando, quando percebeu um menina afastada do grupo, descobriu então que essa menina era surda e por isso não tinha convívio social com seus colegas, o reverendo junto com o pai dessa menina começaram a pensar em uma escola para pessoas como elas. (STROBEL, 2009).

Strobel (2009), comenta, que o revendo Thomas vai a Europa buscar inspiração para criar uma escola, porém, não é aceito nas escolas da Inglaterra, onde o método de ensino dos surdos era guardado a sete chaves. Sem escolha, ele parte para a França, onde foi apresentado o método usado pelo Abade Sicard, a língua de sinais. Assim, o reverendo Thomas volta aos Estados Unidos trazendo consigo um professor surdo. Durante a viagem de 52 dias, o professor ensinou ao reverendo a língua de sinais enquanto o revendo ensinou-lhe o inglês.

Em 1817, Thomas Hopkins Gallaudet e Laurent Clerc, o professor surdo, fundam a primeira escola para surdos nos Estados Unidos, “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. De acordo com Strobel (2009, p. 24), “com o sucesso imediato da escola levou à abertura de outras escolas de surdos pelos Estados Unidos, quase todos os professores de surdos já eram usuários fluentes em línguas de sinais e muitos eram surdos também”.

Quase trinta anos mais tarde, foi inventado a “fala invisível”. Um aparelho que usava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para os surdos repetirem o movimento da fala. Esse sistema foi criado por Alexander Melville Bell.

Em 1864, foi construída a primeira Universidade para surdos em Washington, nos Estados Unidos. A Universidade Gallaudet, foi fundada pelo filho do reverendo Thomas, Edward Miner Gallaudet, até hoje a universidade “é a única instituição de ensino superior do mundo onde todos os programas e serviços são especialmente elaborados para alunos surdos ou com deficiência auditiva”. (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2012, p. 01). Já faz mais de 150 anos que o presidente Lincoln autorizou a escola a funcionar.

Liderança Visionária', a comemoração destacará o papel pioneiro da Gallaudet no avanço das oportunidades e conquistas dos surdos e dos deficientes auditivos. (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2012, p. 4). [destaque do autor].

A Gallaudet oferece mais de 40 especializações, há também mestrado e doutorado, visando o melhor aperfeiçoamento dos alunos. "A Gallaudet também visa melhorar a vitalidade intelectual, social, linguística e econômica das pessoas surdas, local e internacionalmente, para preservar a história dessas pessoas". (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2012, p. 01).

O ano de 1880 foi muito importante para a comunidade surda, em Milão, na Itália aconteceu o 1º Congresso Mundial dos Surdos, foram vários dias de discussões e apenas os Estados Unidos foram contra a decisão tomada.

Sete dias de discussões, apresentações e votações, entre 6 e 11 de setembro de 1880, em Milão, Itália, coroaram os pressupostos oralistas. As resoluções foram quase unâimes, contando com poucas, e isoladas, oposições: às escolas de surdos cabia o ensino da fala como meio de inserção do surdo em um mundo ouvinte. Os gestos? Que fossem banidos. As práticas bimodais que utilizavam sinais em simultaneidade com a fala também foram rejeitadas. O oralismo puro, como acordado por grande parte dos mais de 170 membros do Congresso (em sua quase totalidade ouvintes), foi apontado como a melhor abordagem para a educação de surdos. (NAKAGAWA, 2012, p.19).

Como foi decidido, os surdos deveria ser oralizados, pois, muitos acreditavam que a língua de sinais deixavam os surdos "preguiçosos" e, por isso, não aprendiam a falar. O congresso foi organizado e patrocinado por vários especialistas da educação para surdos que defendiam a linguagem oral. O ponto de vista do oralismo é o seguinte:

Os oralistas, sempre que seja possível a linguagem oral, inclina-se exclusivamente para esta forma, por pensarem que o uso da linguagem gestual estruturada, que em princípio pode facilitar a comunicação, dificulta a evolução natural da linguagem oral que é muito mais rica e com a qual terá de comunicar, já que a maioria da sociedade é ouvinte. Por isso, desde o inicio, e tanto como as outras crianças, a criança surda tentará iniciar a comunicação com a linguagem oral, globalmente e apoiada nos gestos naturais, evidentemente sempre ajudados por próteses auditivas e aparelhos adaptados a cada caso. (JIMÉNEZ *et al*, 1997, p. 358).

Fazer com que os surdos sejam oralizados é o jeito mais fácil que os ouvintes acreditam, entretanto, deve-se respeitar, analisar e considerar a opinião dos mais

favorecidos (ou desfavorecidos) nesse aspecto, somente eles (surdos), podem indicar a melhor forma de se comunicar.

2.1 História da Educação de Surdos no Brasil

No Brasil, a história dos surdos começou por volta de 1855, quando Dom Pedro II, que tinha um familiar surdo, trouxe o professor francês surdo Eduardo Huet, que implementou o alfabeto manual e a Língua de Sinais da França. Seu método foi inovador, porém ainda não havia uma escola especial. De acordo com Lopes (2013, p. 116):

Quando falamos de escolas para surdos quer dizer que há ‘possibilidade de trocar experiências desiguais. Entre essas experiências, surgem diferentes perspectivas valorativas e poderes. Existem surdos que por possuírem referencias culturais mais fortes, tendem a dominar outros que não possuem a mesma vivência’. [destaque do autor].

Os surdos só ganharam um lugar para serem atendidos em 1857, quando foi fundado o Instituto Nacional de Educação Surdos-Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Huet tornou-se diretor do Instituto até 1961, quando venceu seu contrato e retornou a França.

Foi em 1873 registrado um documento muito importante na língua Brasileira de sinais, com autoria do surdo Flausino José da Gama, ele publicou os primeiros desenhos dos surdos separados por categorias, “Icocographia dos Signaes dos Surdos-Mudos”.

Em meados de 1987, “foi fundada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), no Rio de Janeiro” nessa federação estavam compostas pessoas preocupadas com a surdez. (STROBEL, 2009, p. 29). É uma unidade filantrópica sem fins lucrativos, com objetivo educacional.

O Brasil estava passando por evoluções tecnológicas, com pesquisas avançadas, porém, esses avanços e novidades para a comunidade surda estavam prestes a acabar, é como se os estudos e pesquisas parassem no tempo. Em 1911, proibiu-se legalmente a língua de Sinais e o INES passou a utilizar o oralismo. No caso dos alunos que tinham muita dificuldade em aprender, eles poderiam usar papel e lápis para se comunicar. Caso alguém insistisse em utilizar a Língua de

Sinais era castigado e suas mãos amarradas. Essa imposição permanece até o final da década de 60.

Por volta de 1991⁴, é liberada, no Brasil, a Língua de Sinais e a Libras é reconhecida em lei, dando amparo para que os surdos lutem pelos seus direitos. Mas só em 2001 é promulgada a lei em que é reconhecida a Libras como língua oficial.

A partir desse momento, o surdo tem direito a intérprete, entretanto, não tem profissionais para atendê-lo. Somente em 2010, a profissão que antes era reconhecida como hobby é regulamentada. Fazem apenas 15 anos que o sujeito surdo tem o direito a intérprete, para entender em que mundo ele vive.

Alguns Estados brasileiros saíram na frente, um dos exemplos, citado por Monteiro (2006, p. 295), é o Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro, provavelmente devido à existência do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e pelo fato de ter sido a capital do país durante muitos anos, conta com uma comunidade surda mais ou menos articulada politicamente, o que lhes tem garantido alguns privilégios em comparação com os surdos de outras cidades. [destaque do autor].

Os surdos brasileiros que tinham contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF) se juntaram e criaram a Língua Brasileira de Sinais. Logo depois, no ano seguinte, foi criado o Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, e denominado o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Os surdos vinham de outras cidades e dormiam no Instituto.

Ao analisar a história dos surdos, podemos dizer que eles são expostos pela sociedade em inúmeras vezes. Muitas vezes, vítima de experimentos sem sucesso e não possuem muita chance nesta sociedade oralista. Mas graças a alguém que começou a ver diferente. Hoje, os surdos podem usar sua própria língua. De acordo com Silva (2008, p. 14),

Nota-se que as tentativas de fazer o surdo se tornar ouvinte não foram poucas, felizmente os resultados mostraram que as tentativas deveriam caminhar para a aceitação da condição do surdo e de sua língua, que difere de uma língua oral sim, mas tão rica e tão expressiva quanto. Sem dúvida

⁴ Lei Estadual 10.379, 10 de Janeiro de 1991. Reconhece oficialmente, no Estado de Minas Gerais, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - Libras.



os surdos não poderão ser tratados iguais aos ouvintes em alguns aspectos, principalmente no aspecto da língua, pois isto levaria ao mesmo erro do passado, mas pode-se buscar meios aos quais o surdo possa sentir-se capaz em todos os sentidos e respeitado.

Para que possamos considerar equidade, hoje os surdos utilizam uma língua diferente, contudo tão rica como a nossa. Utilizando sua própria língua, os surdos são capazes de mostrar que pensam, sentem e agem em seu meio social. O preconceito, entretanto, ainda existe, mas ele é fruto da ignorância de pessoas que desconhecem a Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é relevante considerar a evolução do processo de formação acadêmica que permitiu construir análises mais consistentes. O que deixou bem claro foi que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua e como todas as línguas possui uma história com aspectos relevantes ao processo de desenvolvimento.

Ao longo deste trabalho, discutiu-se o significado de História para os seres humanos, entendendo que a História é a junção de fatos passados marcantes na sociedade. Fatos que deixaram marcas para serem estudados por especialistas. E graças a esses especialistas, pode-se hoje analisar alguns relatos que auxiliam o entendimento do presente.

Quando esses aspectos são entendidos, é possível analisar os diferentes períodos históricos que a sociedade surda passou para chegar até aqui. Discutiu-se assim, a maneira que os surdos eram tratados desde Antes de Cristo até hoje. E debate-se sobre seus direitos e o que lhe foram tirados da sua liberdade.

Em vista do que foi apresentado sobre o processo histórico da Língua de Sinais, é possível perceber o quanto este tema auxiliou e auxilia na formação como pedagoga/professora, pois, aprimorou minha visão para a Língua, tanto quanto a minha percepção de inclusão.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 11. ed. São Paulo: Canção Nova, 1990.

BONET, Juan Pablo. **Reducción de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos**. Madrid: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **Universidade Gallaudet: ampliando os horizontes para os surdos**. Disponível em: <<http://ipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/pamphlet/2012/12/20121227140454.html#axzz48BVyi5lv>>. Acesso em: 08 fev 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

JIMÉNEZ, Raimundo Real; et al. O deficiente auditivo na escola. IN: BAUTISTA, Rafael (coord). **Necessidades educativas Especiais**. 2 ed. Lisboa: Dinalivro Editora, 1997.

LOPES, Maura Corcini. Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos. In: Carlos Skliar (Org.) **A surdez – Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MACHADO, Geraldo Magela. **História**. S/d. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/ciencias/historia/>>. Acesso em: 27 jun 2016.

MONTEIRO, Myrna Salerno. **História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da LIBRAS no Brasil**. Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, p. 292-305, 2006.

NAKAGAWA, Hugo Eiji Ibanhes. **Culturas surdas**: o que se vê, o que se ouve. Lisboa, 2012.

SILVA, Silvana Araújo. **Conhecendo um pouco da história dos surdos**. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/prograd/nucleo_acessibilidade/documentos/texto_libras.pdf>. Acesso em: 2 nov 2015.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.